

Antropologia versus etnografia¹

TIM INGOLD

University of Aberdeen, Escócia, Reino Unido

TRADUÇÃO: RAFAEL ANTUNES ALMEIDA

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,
Redenção, Ceará, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v26i1p222-228

resumo A etnografia busca descrever a vida tal como é vivida e experimentada por um povo, em um lugar específico e em um tempo determinado. A antropologia, em contraste, é uma investigação sobre as condições e possibilidades da vida humana no mundo. A antropologia e a etnografia têm muito a contribuir entre si, mas os seus fins e objetivos são diferentes. A etnografia é um fim em si mesmo e não um meio para fins antropológicos. Ademais, a observação participante é um modo antropológico de trabalhar, não um método para coletar dados etnográficos. Estudar antropologia é estudar *com* as pessoas, não fazer estudos *sobre* elas; este estudo não é tanto etnográfico como é educativo. Uma educação antropológica nos mune dos meios intelectuais de especular sobre as condições da vida humana neste mundo, sem termos de fingir que os nossos argumentos são destilações da sabedoria prática daqueles entre quem trabalhamos. Nosso trabalho consiste em *corresponder* com eles, mas não falar por eles. É apenas reconhecendo a natureza especulativa da investigação antropológica que nós e eles poderemos ter as nossas vozes ouvidas e poderemos engajar devidamente com outras disciplinas. Só então estaremos em condições de capitanear a criação das universidades do futuro.

palavras-chave Etnografia; Antropologia; Participação; Observação; Método; Educação; Filosofia; Arte; Universidade.

Anthropology contra ethnography

abstract Ethnography aims to describe life as it is lived and experienced, by a people, somewhere, sometime. Anthropology, by contrast, is an inquiry into the conditions and possibilities of human life in the world. Anthropology and ethnography may have much to contribute to one another, but their aims

¹ Traduzido de INGOLD, Tim. Anthropology contra ethnography. HAU: Journal of ethnographic theory, v.7, n. 1, pp.21-26, 2017. Disponível em: < <https://www.haujournal.org/index.php/hau/article/view/hau7.1.005> > Acesso em: 02 de out. 2017

and objectives are different. Ethnography is an end in itself; it is not a means to anthropological ends. Moreover, participant observation is an anthropological way of working, not a method of ethnographic data collection. To study anthropology is to study with people, not to make studies of them; such study is not so much ethnographic as educational. An anthropological education gives us the intellectual means to speculate on the conditions of human life in this world, without our having to pretend that our arguments are distillations of the practical wisdom of those among whom we have worked. Our job is to correspond with them, not to speak for them. Only by acknowledging the speculative nature of anthropological inquiry can we both make our voices heard and properly engage with other disciplines. And only then can we lead the way in forging the universities of the future.

keywords ethnography, anthropology, participation, observation, method, education, philosophy, art, university.

Deixe-me dizer logo de partida que nada tenho contra a etnografia. O objetivo da etnografia, assim como a compreendo, é produzir uma descrição – escrita, fílmica ou que faça uso de outro meio gráfico – da vida como ela é de fato vivida e experienciada pelas pessoas em dado lugar e em dado período. A boa etnografia é sensível, contextualmente matizada, ricamente detalhada e, acima de tudo, fiel àquilo que descreve. Todas essas são qualidades admiráveis.

Aquilo contra o que eu me oponho não é à etnografia enquanto tal, mas ao seu retrato como o fim último da antropologia. Creio que a antropologia, ao sucumbir à etnografia, desviou-se do seu propósito apropriado; isto impediu os esforços antropológicos de contribuir para o debate de grandes questões de nosso tempo e comprometeu o seu papel na academia. Eu argumento que é vital para o futuro da disciplina que paremos de ser tão evasivos e sejamos claros sobre a diferença entre a antropologia e a etnografia. Isto, naturalmente, significa ser claro sobre a definição e o propósito da disciplina.

Eis a minha definição. Sustento que a antropologia é uma investigação generosa, aberta, comparativa e crítica das condições e possibilidades da vida humana no mundo que habitamos. É *generosa* porque está atenta e responde ao que as outras pessoas fazem e dizem. Em nossas pesquisas, nós recebemos de bom grado o que nos é dado ao invés de procurarmos meios de, por subterfúgios, extrair o que não nos é dado, criando um esforço para devolver o que devemos aos outros no nosso processo de formação moral, intelectual e prático. Isso acontece, acima de tudo, na observação participante e eu retornarei a esse ponto.

A antropologia é *aberta* porque não buscamos soluções finais, mas caminhos através dos quais a vida pode se fazer. Somos comprometidos com a formas de vida sustentáveis – isto é, uma forma de sustentabilidade que não deixa o mundo sustentável para alguns a partir da exclusão de outros, mas, ao con-

trário, tem um lugar para todas as pessoas e para todas as coisas. A antropologia é *comparativa* pois estamos conscientes que qualquer caminho que a vida possa ter tomado, ele não é o único. Nenhum caminho é pré-instituído como único que é “natural”. Assim, a questão “Por que deste modo e não de outro?” sempre predomina em nossas nossas reflexões. E a antropologia é *crítica* porque não podemos estar satisfeitos com as coisas tal como estão.

De modo geral, as organizações de produção, distribuição, governo e conhecimento que dominaram a era moderna levaram o mundo à beira de uma catástrofe. Para encontrar meios de continuar, precisamos de toda a ajuda que conseguirmos. Mas nenhuma especialidade científica, nenhum grupo indígena, nenhuma doutrina ou filosofia detém a chave para o futuro - se é que esta chave pode ser encontrada. Temos de fazer este futuro juntos, para nós, e isso só pode ser feito por meio do diálogo. A antropologia existe para expandir o escopo deste diálogo: para entabular uma conversa sobre a vida humana.

Se você está de acordo com a minha definição de antropologia, então eu penso que terá de concordar que os seus objetivos e princípios são inteiramente diferentes daqueles da etnografia. Como empreendimentos, a antropologia e a etnografia podem ser complementares, têm muito a contribuir entre si, mas, não obstante, são diferentes.

Eu gostaria de deixar absolutamente claro, contudo, que não consigo ver essa diferença no modo segundo o qual esta relação foi apresentada, em termos igualmente inflexíveis, por alguns dos pais fundadores da antropologia social e ainda é mantida por alguns nos dias de hoje. A sua visão era - e continua sendo - que a etnografia é *idiográfica*, dedicada à documentação das características empíricas; e a antropologia é *nomotética*, dedicada à generalização comparativa e à busca por leis que expressem regularidades na condução dos assuntos humanos. A ideia é que primeiro você faz a sua pesquisa etnográfica e então - em um estágio subsequente - você converte o seu estudo em um *caso* para comparação, disposto ao lado de outros estudos similares, na esperança de que algumas generalizações viáveis possam emergir. Todas as vezes que eu escuto a frase “estudo de caso etnográfico”, inocentemente apresentada como se fosse completamente não problemática, eu estremeço em protesto. E quando as pessoas pintadas neste estudo são retratadas como se pertencessem ao etnógrafo em pessoa - como “Os Balineses de Geertz” - meu estremeço se torna um grito. Nada é mais degradante para o espírito e para o propósito da pesquisa etnográfica. Às vezes sou acusado de desejar atacar a etnografia, mas meu objetivo é justamente o oposto. É defender a etnografia contra aqueles que embrulham a vida das pessoas em casos e que veem na etnografia não um fim importante em si mesmo, mas apenas o meio para a generalização antropológica. Eu quero defender a etnografia daqueles que a veriam como um método. É claro que, como todo esforço artesanal, a etnografia tem os seus métodos - as suas regras de procedimento, os seus modos de trabalhar - mas *não* é um método.

Isso me traz de volta à observação participante. Eu já mencionei que a observação participante é fundamental para a prática da antropologia e ratifica a generosidade de sua abordagem no ato de participar e responder. Eu a concebo como um modo de *corresponder* com as pessoas.² Mas também quero insistir que a observação participante e a etnografia não são a mesma coisa. A própria ideia de “trabalho de campo etnográfico” perpetua o entendimento de que aquilo que você está fazendo em campo é coletar material sobre as pessoas e sobre as suas vidas – ou, para promover as suas credenciais científicas sociais, você pode chamar de “dados qualitativos” – que você analisará e sobre eles escreverá. É por isso que a observação participante é tão recorrentemente descrita nos livros-texto como um método de coleta de dados. É por isso que tanta tinta foi derramada nos dilemas éticos relativos à combinação entre participação e observação, como se elas apontassem para direções diferentes. Como todos sabemos, há algo profundamente problemático em se reunir com as pessoas em aparente boa fé, para depois virar as costas de tal forma que o encontro se torna um estudo sobre elas e elas próprias se convertem em um *caso*. Mas, na verdade, não há contradição entre a participação e a observação: de fato, você não pode ter uma sem ter a outra. A grande confusão consiste em confundir observação com objetificação. Observar não é necessariamente objetificar, é perceber o que as pessoas estão dizendo e fazendo, é olhar e ouvir, e é responder conforme a sua própria prática. Isto é, a observação é uma maneira de participar atentamente, e é por essa razão um modo de aprender. É isso que fazemos e vivenciamos como antropólogos.

E nós fazemos e vivenciamos por reconhecimento ao que devemos aos outros pela sua própria prática e educação moral. Em resumo, a observação participante não é uma técnica de coleta de dados, mas um compromisso ontológico. E este compromisso é fundamental para a antropologia como disciplina.

A distinção entre os trabalhos feitos “a partir de” e “com” é de toda importância aqui. É a expressão “a partir de” que converte a observação em objetificação, preponderando sobre os seres e as coisas que guiam a nossa

² N.T: Ingold utiliza a expressão “of corresponding with people”. No artigo intitulado “Chega de etnografia: a educação da atenção como propósito da antropologia” o autor define a ideia de correspondência: “Propõe-se o termo correspondência para designar essa composição de movimentos que, à medida que se desenrolam, respondem continuamente uns aos outros. Não se entende por isso um alinhamento preciso nem um simulacro daquilo que se encontra nos acontecimentos à volta. Não tem nada a ver com representação ou descrição. Trata-se, pelo contrário, de responder a esses acontecimentos por meio das próprias intervenções, questões e respostas – em outras palavras, viver atencionalmente com os outros. A observação participante é uma prática de correspondência nesse sentido.”(INGOLD, Tim. Chega de etnografia: a educação da atenção como propósito da antropologia. Educação, v.39,n.3,2016,p.408. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/21690>> Acesso em: 02 de out.2017

atenção e convertendo-os em tópicos circunscritos de pesquisa. Assim, nós produzimos uma antropologia *disso* ou *daquilo*. Mas praticar a antropologia, tal como eu a entendo, significa estudar *com* as pessoas – do mesmo modo que estudamos com os nossos professores na universidade –, não produzir estudos sobre elas. Nós o fazemos para que possamos crescer em sabedoria e maturidade e aumentar os nossos poderes de observação, raciocínio e pensamento crítico, na esperança e expectativa que possamos utilizar estes poderes para lidar com quaisquer problemas que possamos enfrentar no futuro. É por isso que a observação participante deve ser entendida, principalmente, não como *etnográfica*, mas como *educacional*. É um modo de aprender e este aprendizado – como sabemos – pode ser transformador.

Isto traz uma implicação crítica. Um etnógrafo pode, com razão, ficar limitado naquilo que ele ou ela pode escrever considerando os requisitos da fidelidade descritiva. Não se pode escrever qualquer coisa e o que se escreve precisa ser justificado pela afirmação de que é uma representação, interpretação ou análise justas daquilo que os sujeitos em sua pesquisa fazem, dizem ou pensam. Também não se pode escrever qualquer coisa como antropólogo. Mas naquilo que eu escrevo eu posso pelo menos defender o que considero ser verdadeiro, ou o mais próximo possível da verdade, à luz das minhas leituras, das conversas que tive e da minha própria reflexão crítica.

A antropologia não é nada senão o seu caráter especulativo e eu desejo nutrir e proteger a liberdade intelectual que tenho como antropólogo de especular sobre as condições de possibilidade da vida humana neste mundo. É claro que tenho que estar preparado para garantir a minha posição com razão, argumento e evidência. Mas não devo validá-la, fingindo que os argumentos que apresento e procuro defender são realmente destilações das visões das pessoas entre quem eu trabalhei e estudei. Na verdade, eu posso discordar profundamente delas. A observação participante pode ser desconfortável, e não devemos começar a pensar que tudo o que as pessoas nos disserem será verdadeiro ou maravilhoso. De fato, elas podem dizer coisas que consideramos horríveis ou abomináveis.

A nossa tarefa, então, não é mascarar estas abominações com um véu de simpatia, ou apresentar um relato artificialmente higienizado de suas palavras e ações, mas discordar diretamente delas. Ao apresentar as razões pelas quais assim nos sentimos, podemos crescer em sabedoria e adicionar força e rigor aos nossos argumentos.

Eu acredito que devemos demandar o direito de falar com as nossas próprias vozes e dizer o que *nós* pensamos com base em nossas pesquisas, a despeito do que dizemos estar ou não de acordo com o pensamento de nossos interlocutores. Nós podemos ter aprendido com aquilo que nos ensinaram, mas como antropólogos – e não como etnógrafos – não é o nosso trabalho reproduzir, ao modo de um decalque, estes aprendizados em nossos textos.

Assim como os praticantes de qualquer outra disciplina, devemos estar prontos para falar com as nossas próprias vozes e não esconder atrás das vozes dos outros. Se falharmos em fazê-lo, estaremos excluídos dos grandes debates do nosso tempo – debates sobre como *devemos viver* – ou descobrir que fomos trazidos apenas para fornecer material a ser manipulado pelos outros como quiserem. E como sabemos muito bem, há muitos outros com inclinações mais estreitas, intolerantes e fundamentalistas que estão prontos para preencher este espaço vazio. Nós, antropólogos, temos coisas tremendamente importantes para dizer e precisamos estar lá para dizê-las. Mas nós só podemos fazer a nossa presença ser sentida se abandonarmos a pretensão de que apenas temos autoridade para falar como etnógrafos e que não temos nada para dizer *por nós mesmos*.

Tal como eu a apresentei, a antropologia é uma disciplina fundamentalmente especulativa. Nesse sentido, ela é semelhante à filosofia, mas difere da filosofia (pelo menos tal como a última é praticada pela maioria dos filósofos profissionais), uma vez que faz a sua reflexão filosófica no mundo em conversa com os seus diversos habitantes e não em reflexões arcanas sobre o cânone literário já estabelecido. Por essa razão, creio que estamos em melhores condições de fazer filosofia do que a maioria dos filósofos que, em sua maior parte, estão cronicamente descolados da vida e viciados em experimentos de pensamento desconectados do mundo. Uma vez mais, a ambição especulativa distingue a antropologia da etnografia. Ao mesmo tempo, ela abre a antropologia para muitas outras maneiras de conduzir as suas pesquisas – por exemplo, pela arte, design, teatro, dança e música, para não mencionar a arquitetura, a arqueologia e a história comparada. O sucesso da colaboração interdisciplinar com estes campos depende precisamente de que aquilo que estejamos fazendo não seja etnografia. Por exemplo, enquanto a etnografia se associa muito bem à história da arte, tentativas de junção entre a etnografia e a prática artística geralmente resultam em arte de má qualidade e má etnografia, comprometendo não só o compromisso do etnógrafo com a fidelidade descritiva, mas também o caráter experimental da arte e a sua interrogação mediada pela intervenção, uma antropologia que é experimental e interrogativa pode se associar à prática artística em modos muito produtivos. O que é crucial tanto sobre a antropologia, quanto sobre a prática artística, e o que as distingue da etnografia e a história da arte, é que elas não visam compreender ações e obras associando-as a um contexto. Não se trata de contabilizá-las, marcá-las e depois deixá-las, mas sim de trazê-las à presença para que possamos endereçá-las e a elas responder *diretamente*.

Gostaria de concluir com um ponto sobre o futuro da antropologia em relação ao futuro da universidade. A antropologia é uma disciplina universitária e não sobreviveria sem atracar nos portos fornecidos pela universidade. O que atualmente está acontecendo nas universidades, portanto, pode ou bem

fortalecer ou comprometer a disciplina. Atualmente, as universidades estão sucumbindo ao neoliberalismo corporativo e a antropologia está na berlinda. Estamos correndo o risco de afundar com o navio. Eu creio que devemos lutar pelo futuro das universidades como lugares de tolerância, sabedoria e humanidade, onde as ideias importem e onde as pessoas de todas as nações possam se reunir para discutir estes ideais. Mas creio que este também é o futuro da antropologia. Então a minha visão para a futuro da antropologia é também a minha visão para o futuro da universidade e a antropologia deve ser o seu coração. Nós só conseguiremos assegurar o futuro da antropologia na universidade que virá, com uma ruptura clara e de uma vez por todas com a redução da antropologia à acumulação de estudos de caso etnográficos.

autor **Tim Ingold**

É chefe do departamento de Antropologia Social da Universidade de Aberdeen. Ele realizou trabalho de campo entre os Sammi e os finlandeses na Lapônia e escreveu sobre o ambiente, tecnologia e organização social no norte circumpolar, sobre animais e a sociedade humana e sobre a ecologia humana e a teoria da evolução. Os seus trabalhos mais recentes exploram a percepção do ambiente e a habilidade prática. Seus interesses atuais gravitam em torno da interface entre a antropologia, a arqueologia, a arte e a arquitetura. Entre os seus livros mais recentes estão “The perception of environment” (2000), “Lines” (2007), “Being alive”, 2011, “Making” (2013) e “The life of lines” (2015).

Rafael Antunes Almeida

Atualmente é professor do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. É doutor em Antropologia pela Universidade de Brasília, mestre em Sociologia e Graduado em Ciências Sociais, ambos pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Recebido em 27/10/2017

Aceito para publicação em 19/05/2018